

O mundo perdido de Bizâncio: abordagens sobre o Império Bizantino

The lost world of Byzantium: approaches to the Byzantine Empire

HARRIS, Jonathan. *The lost world of Byzantium*. New Haven;
London: Yale University Press, 2015. 264 p.

Stephanie Martins de Sousa*

Recebido em: 18/02/2017

Aprovado em: 11/04/2017

Com sua mais recente publicação, o historiador britânico Jonathan Harris¹ apresenta, na obra *The lost world of Byzantium*, um panorama sobre a história do Império Bizantino desde a fundação de Constantinopla, em 330, até a sua queda com a invasão do Império Otomano, em 1453. Devido ao seu amplo recorte, o autor conseguiu explorar diversos temas e aspectos do mundo bizantino, concentrando-se nas figuras dos imperadores, nas questões religiosas e na política externa do Império com os povos circundantes. Em vista disso, o objetivo central do livro é investigar como, apesar das constantes ameaças e períodos de instabilidade, o Império Bizantino conseguiu sobreviver até o século XIV.

Dividida cronologicamente, a obra contém dez capítulos, somados ao prólogo, prefácio e epílogo, além de conter uma cronologia, glossário e sugestões para leitura, com indicações de artigos e livros, todos em inglês. Apesar de explicitar o objetivo do livro logo no prólogo, apenas o primeiro capítulo e o epílogo tratam da questão diretamente, enquanto nos outros o leitor precisa inferir, a partir da narrativa, como o Império Bizantino durou tanto tempo. A obra é mais interessante como uma leitura para o grande público do que como um referencial para trabalhos acadêmicos, pois não se preocupa em detalhar informações e referências em notas de rodapé ou com uma

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Duarte Joly. Mestra em História pela mesma instituição.

¹ Professor do Departamento de História da Royal Holloway, University of London, especialista em História Bizantina, possuindo várias publicações referentes ao período em questão.

análise das fontes citadas pelo autor. Com o objetivo de apresentar as potencialidades da obra, faremos nesta resenha uma análise sintética dos principais capítulos e argumentos apresentados na construção historiográfica de Harris.

No primeiro capítulo, denominado *Twilight of the gods*, depois de contrastar as descrições de Zósimo e Eusébio de Cesareia sobre Constantino e a fundação de Constantinopla, Harris propõe uma série de fatores que podemos considerar como as possíveis causas da longevidade de Bizâncio, a saber: uma capital monumental e fortificada em Constantinopla; o cristianismo como religião dominante; uma teoria política que exaltava o cargo do imperador, mas que também colocava restrições a ele; a admiração da espiritualidade ascética; a ênfase na expressão visual do espiritual e a aproximação com os povos que ameaçavam as fronteiras do Império que ultrapassava o âmbito militar. Para o autor, uma das maiores decepções da história foi os bizantinos apresentarem sua sociedade, na literatura, arte e cerimônias, como uma continuação do passado, além de se considerarem romanos, como se não tivessem ocorrido transformações desde os tempos antigos, pois Bizâncio estava em constante evolução e adaptação.

No segundo capítulo, *Outpost of Empire*, o autor examina o governo do imperador Justiniano e de seus sucessores. De acordo com Harris, nesse período as tendências que estavam transformando o Império desde o reinado de Constantino atingiram o seu ápice, principalmente o processo de cristianização. Justiniano tentou acabar com os últimos vestígios do paganismo e realizou grandes empreendimentos militares contra os povos bárbaros e os heréticos que estavam governando os antigos territórios do Império no Ocidente, porém não conseguiu a unificação religiosa que desejava. O autor não realiza uma análise detalhada de alguns importantes aspectos políticos e administrativos do governo de Justiniano, como a Revolta de Nika, a compilação e organização das leis romanas ou as reformas de fortificação e restauração realizadas em Constantinopla e nas regiões reconquistadas.

No quarto capítulo, *A world transformed*, Harris analisa as transformações administrativas e a reorganização dos exércitos de defesa que ocorreram entre o final do século VII e início do VIII, com as incursões árabes, lombardas e eslavas, que geraram uma enorme perda territorial e populacional. Outro ponto de destaque no capítulo é a análise do governo de Constantino V, além da questão da importância dos ícones religiosos, que culminaria na controvérsia iconoclasta. Os ícones religiosos eram parte essencial do mundo bizantino, pois esses objetos eram apresentados como milagrosos e protetores do Império e da população. Constantino V criou leis que proibiam o culto às imagens, perseguindo monges e eremitas iconófilos. O Império acabou se dividindo entre iconoclastas, ou seja, os que eram contrários às imagens, e iconófilos, os que defendiam a

manutenção daquelas. No quinto capítulo, *The conquest of the North*, o autor continua as discussões sobre a política religiosa do Império e sobre o aumento da influência bizantina nos territórios vizinhos. Também descreve como foi o processo de cristianização dos Rus' e dos búlgaros.

Finalmente, o mérito do livro de Jonathan Harris reside no esforço do autor em trabalhar com um amplo recorte temporal, contribuindo com uma nova perspectiva ao buscar as razões que levaram à longevidade do Império Bizantino. Porém, por ser uma obra mais descritiva do que analítica, peca por deixar de lado a análise das fontes, que só é realizada no primeiro capítulo, por não fazer um debate historiográfico, além de não dialogar com outras pesquisas e autores.